

A RUA E A CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM EXERCÍCIO METODOLÓGICO¹

Andréa Leandra Porto Sales; Rita de Cássia Gregório de Andrade
(Acadêmicas do Curso de Geografia da UFPB; Bolsistas do PIBIC-UFPB)

Doralice Sátyro Maia
(Profa. Dra. do Dpto. de Geociências e do PPGG da UFPB)

Resumo: A Rua e a Cidade têm sido objeto de análise de algumas pesquisas realizadas. Atualmente, vem-se desenvolvendo uma pesquisa sobre as transformações das ruas da cidade de João Pessoa, no que diz respeito à forma e ao uso, ou mais exatamente à espacialidade e ao cotidiano. Ao mesmo tempo, vem-se questionando a respeito da importância da análise da cidade e da vida urbana no ensino de Geografia e portanto, da relação da cidade com a educação. Tal exercício de análise resultou no desenvolvimento da pesquisa o Ensino da Cidade de João Pessoa-PB. A reunião dessas duas temáticas possibilitou a realização do estudo ora apresentado que integra o Grupo de Pesquisa Ciência, Educação e Sociedade e compõe as atividades do Laboratório de Geografia da Paraíba. Trata-se de uma proposta metodológica para o ensino da cidade.

Esse artigo tem como principais objetivos registrar a prática de um exercício metodológico – a leitura e descrição da paisagem - e construir instrumentos de apreensão e compreensão que permitam um melhor entendimento da cidade e da vida urbana no ensino fundamental e médio. Em outras palavras, pretendemos oferecer uma proposta de exercício metodológico que venha contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da cidade, particularmente da cidade de João Pessoa-PB.

A proposta de elaborar material didático que contenha informações sobre a cidade de João Pessoa, teve como ponto de partida a constatação de escassez desse tipo de instrumental educativo nos diversos níveis do ensino de história local e da geografia do lugar. Esta situação tem-se agravado na medida do tempo, observando-se que ainda prevalece, a despeito das várias iniciativas em contrário, uma visão reducionista da história nacional em termos da experiência histórica das principais cidades do sudeste brasileiro. Da mesma forma, os livros didáticos de Geografia são escritos normalmente por autores que vivem nas grandes metrópoles brasileiras e principalmente no eixo centro-sul, por conseguinte, predominam as ilustrações destas cidades, bastante distantes da realidade do aluno que se encontra fora destas localidades, como é o caso dos estudantes de João Pessoa.

A importância dessa modalidade de estudo, está dada nas oportunidades que são oferecidas por intermédio de seus resultados, de se atualizar criticamente os valores

¹ Esse texto foi apresentado no Encontro Fala Professor realizado em Presidente Prudente em 2003.

básicos da sociabilidade e na clarificação dos significados da identidade social. Tanto nos jovens como nos adultos, a experiência de vida nas cidades faz despertar comportamentos inéditos, considerando-se as sociedades tradicionais que podem ser compartilhados de maneira construtiva quando o usufruto se dá através da informação educativa. Além do mais, deve-se considerar a importância dos estudos urbanos para o desenvolvimento da própria atividade intelectual realizada pela comunidade acadêmica. Através desses mecanismos, quais sejam, o de provocar e alimentar o debate de opiniões, desde os temas mais diferentes, porquanto se pode estimular assim a prática da discussão teórica e sinalizar para uma aproximação de fato entre a Universidade e a sociedade civil. É, pois, com esta pretensão que este trabalho vem se apresentar neste momento como um roteiro de trabalho para o estudo da cidade de João Pessoa-PB.

1. SOBRE A CIDADE E A RUA

Sabe-se que a cidade é a base material, portanto concreta, da vida urbana. As ruas, as praças, os bairros, o centro, os estabelecimentos comerciais, as casas, os edifícios, os hospitais, as escolas, os terrenos, os vazios urbanos, o solo urbano são elementos que compõem a estrutura interna da cidade. Todos esses elementos, bem como a própria vida urbana, são constantemente modificados, produzidos e reproduzidos, pois o espaço urbano é socialmente produzido e está em permanente transformação. Dentre estes elementos, no processo de urbanização, a rua apresenta-se como lugar de realização de um tempo-espaço determinado. De simples caminhos mal traçados a largas avenidas, a rua continua sendo uma expressão do espaço urbano. Na rua, a cidade manifesta-se, seja através do seu desenho ou da sua forma, seja enquanto lugar de realizações sociais. Portanto, a rua é onde se materializam as transformações na trama física e na paisagem da cidade e ainda é o lugar de manifestações das relações sociais, das diferenças e das normatizações do cotidiano em momentos históricos diversos. Assim, se por um lado a rua “é um alinhado de fachadas, por onde se anda”, ou “caminho público ladeado à direita e à esquerda de casas, paredes ou muros no interior das povoações”² ou ainda, “via pública para circulação urbana, total ou parcialmente ladeada de casas”³, é também “fator de vida das cidades”⁴. Além disso, a rua, a cidade e a vida urbana são, por sua vez, conteúdos do ensino médio e fundamental, mais exatamente, das disciplinas História, Geografia, Ciências e

² Dicionário Caldas Aulete, 1942 apud Marx, 1999: 102.

³ Dicionário Aurélio – Século XXI – Aurélio Eletrônico - Versão 3.0.

⁴ RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Simões, 1951.

Literatura, mas cabe principalmente à Geografia proporcionar condições para que o aluno se reconheça como sujeito participante do processo de construção da cidade.

A formulação das anotações que ora apresentamos são consequência das leituras e discussões teóricas, de alguns resultados do projeto Prolicen-UFPB “o ensino da cidade” e da realização de algumas leituras das ruas da cidade de João Pessoa como propostas metodológicas para a prática da observação, da descrição e da análise da paisagem de uma realidade concreta.

2. LEITURA DA PAISAGEM

LER significa colher informações, reconhecer e decifrar significações, ou ainda “atribuir sentidos”. Já o vocábulo PAISAGEM, conceito e categoria da Geografia integra também o vocabulário comum. A PAISAGEM, no senso comum corresponde à área que se abrange num lance de vista ou a uma representação artística em desenho, pintura ou gravura de uma dada localidade. Na Geografia, PAISAGEM é um conceito fundamental para o conhecimento, indispensável na construção do pensamento científico. Assim, como todo conceito, ele também foi construído e apresenta diferentes significações no decorrer da história. De forma sintética, podemos citar: a) Nas representações dos viajantes do século XVI – “Landschaft” dá a Geografia a credibilidade de objeto próprio; b) Na Geografia Tradicional, a paisagem estava relacionada a outros conceitos como região: cada região traduzia-se em uma paisagem e c) Na Geografia Crítica, a paisagem representa o momento da manifestação do espaço produzido. Como bem esclarece Milton Santos (1988): “*Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos*” (SANTOS, 1988, p. 68).

A partir desses fundamentos, propomos o exercício metodológico da leitura da paisagem, mais exatamente da paisagem da cidade de João Pessoa, pensando no aprimoramento do ensino da cidade.

2.1. Aprendendo a ler a paisagem

A leitura da paisagem pressupõe os exercícios metodológicos da observação e da descrição. Assim, faremos uma pequena apresentação desses dois exercícios:

2.1.1. A observação

a) O olhar: A observação compreende o olhar. Olhar a cidade, contempla-la. Este exercício pode e deve ser realizado no campo, na prática, mas também através de material impresso: jornais, revistas, compêndios literários, artigos,

poesias ou crônicas literárias. A partir desse material, podemos colher diferentes olhares em momentos diversos.

b) “Domesticação teórica do olhar”: Para o exercício da observação é fundamental a preparação teórica-metodológica que por sua vez guiará o olhar. Assim, antes de por em prática a observação, é fundamental que sejam realizadas leituras sobre o que é cidade, a história da cidade, o processo de urbanização e o lugar a ser observado: uma praça, uma rua, um bairro, um parque, etc.

c) O ouvir: O ouvir também integra o exercício da observação. A partir do escutar, registra-se muitas impressões e informações que enriquecem o olhar. Ouvir as pessoas, os ruídos, as músicas, enfim, os sons da cidade.

d) Os outros sentidos: Da mesma forma que o olhar e o ouvir, os outros sentidos também são fundamentais para a observação. Sentir os cheiros, o medo, a angústia, as desconfianças, as rejeições compõem e devem ser registrados no exercício da observação.

2.1.2. A descrição

O exercício da descrição está associado ao da observação. A descrição pressupõe o ato de descrever, que por sua vez significa representar por palavras” ou “expor minuciosamente. Uma descrição bem elaborada contém uma série de elementos que é fundamental para uma posterior análise. As descrições podem ser enriquecidas com desenhos, fotografias ou pinturas.

3. O NOSSO EXERCÍCIO

Depois de feitas as leituras teóricas e metodológicas sobre a temática “cidade” e a respeito do processo de urbanização de João Pessoa e ainda de termos coletado documentos, poesias, músicas e fotografias da cidade, realizamos um trabalho de campo para reconhecimento do centro original da cidade. Neste momento, reconheceu-se a compartimentação inicial da cidade: Cidade Alta e Cidade Baixa. Em seguida, foram eleitas quatro ruas, sendo duas na Cidade Baixa e duas na Cidade Alta que representam as duas porções da cidade e onde seriam realizadas as descrições. Estas ruas muito representam a cidade de tempos passados e hoje preservam a sua importância como vias comerciais, de serviços e de circulação. As leituras das paisagens foram realizadas em dias e horários diversos, procurando retratar a diversidade do cotidiano das ruas. As

descrições permitem afirmar que estas ruas, muito embora estejam localizadas no centro tradicional da cidade apresentam semelhanças e diferenças.

3.1. Duas ruas, duas leituras

a) Rua Maciel Pinheiro – Cidade Baixa (Varadouro). Leitura da paisagem



Rua Maciel Pinheiro, final de tarde de abril de 2004.
Foto: José Benedito de Brito.

Como em qualquer outra manhã da semana (dia útil), esta rua é marcada pelo trânsito e pelo comércio. Não se caracteriza pelas reuniões nas calçadas ou crianças espalhadas brincando, entretanto, percebe-se algum encontro, ao que parece, de quem trabalha diariamente aí.

Casas comerciais abertas esperam clientes, vendedores ficam à porta observando o rotineiro movimento da rua. No interior das lojas com vários empregados, ouve-se conversas descontraídas, banais, às vezes piadas, ou ainda debate sobre os últimos acontecimentos, comuns a toda sociedade. Praticamente não se encontram edificações dos dias correntes, o comércio predomina em construções cuja forma exhibe um tempo passado. Se os traços arquitetônicos condissessem com a sua função (como já foi), certamente a descrição seria outra. Em meio ao colorido dos prédios estampam-se anúncios comerciais e os nomes das lojas.

É constante o trânsito de ônibus, caminhões e veículos de pequeno porte. O asfalto gasto demonstra a ação dos mesmos. O semáforo freia uma porção de automóveis, onde subseqüentemente pessoas atravessam apressadamente a faixa de pedestres. Carroças com frutas, água mineral, lixo, etc. também fazem parte da animação da rua. Em ambas as margens das calçadas há carros e motos estacionados, assim como bicicletas paradas sobre as calçadas. É corriqueiro caminhões passarem nas frentes dos estabelecimentos e trabalhadores descarregá-los (geralmente cheios de canos de irrigação, cerâmicas, objetos de ferro plástico, entre outros).

Transeuntes passam razoavelmente rápidos, indo e voltando, preferindo a sombra nas calçadas para fugirem do sol. A expressão da maioria é de quem está acostumada ao cotidiano e/ou está dirigindo-se para resolver alguma coisa. Uns levam sacolas cheias, outros passam conversando. São crianças, jovens, adultos e idosos. Homens suados carregam caixas na cabeça.

Enfim, é uma rua sem árvores, composta de lojas, edifícios desgastados, calçadas estreitas e a via asfaltada, comprovando deste modo a sua apropriação enquanto passagem de veículos e venda de produtos.

b) Rua Duque de Caxias – Cidade Alta - Leitura da Paisagem



Rua Duque de Caxias, abril de 2004.
Foto: José Benedito de Brito

Na rua Direita, atual Duque de Caxias, localizava-se a maioria dos prédios administrativos da cidade. Essa rua é uma das artérias mais importantes do centro da cidade e também uma das mais antigas. A rua Direita desde do seu passado já estava dividida em três trechos. Os mesmos, embora fizessem parte da mesma rua, eram totalmente diferentes entre si. Hoje, talvez por consequência da história essa divisão ainda é notória. O trecho denominado “rua da Baixa” que ficava logo após o trecho São Gonçalo e que compreende a parte que vai, hoje, da Assembléia Legislativa à Igreja da Misericórdia, foi a que mais sofreu mudanças.

Inicialmente, esse trecho, era composto por residências das “figuras de projeção”, assim como o trecho seguinte, que vai da Igreja da Misericórdia à Academia Paraibana de Letras. Mas foi na antiga rua da Baixa onde ocorreram as maiores mudanças desde o início do século XX. Um dos exemplos, dessas mudanças, foi a demolição da Igreja Rosário dos Pretos em 1923 para dar lugar à praça Vidal de Negreiros. Aos poucos as transformações foram sendo cada vez mais perceptíveis, todas elas atendendo às necessidades das relações sociais da época e para simbolizarem a modernidade, como bem representa a instalação da praça, posteriormente de um viaduto e mais tarde da transformação em rua de pedestre, mais conhecida como “calçadão”. Hoje, esse trecho da antiga rua Direita, ou mesmo a rua da Baixa é eminentemente comercial. Lá não passam automóveis, mas o fluxo de pedestres é intenso. São pessoas que lá fazem compras ou que passam para os prédios administrativos instalados nas suas proximidades – Assembléia Legislativa, Palácio do Governo, Tribunal da Justiça, cartórios, Fórum, entre outros – ou se destinam aos bancos que também lá estão instalados: Itaú, Bradesco, etc. Anúncios das lojas invadem as ruas e confundem os pedestres. Velhos amigos sentam-se nos bancos para lá conversarem sobre assuntos diversos, mas o de maior preferência ainda é a política que tanto marcou este lugar. Nesse horário, a rua “fervilha”, algumas pessoas têm pressa, outras nem tanto, a vida moderna impõe o seu ritmo, mas o passado também mantém-se no registro da vida da cidade e na paisagem da rua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. “*Trabalho de campo e excursões escolares na educação geográfica*” Revista Temas em Educação, vol. 1, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “*A paisagem urbana*”. In: _____. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992.

- DOLFUSS, Olivier. *A análise geográfica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
- HOUSTON, James. *Paisaje y síntesis geográfica*. In: *Revista de Geografia*. Departamento de Geografia. Facultad de Letras. Universidad de Barcelona, nº.7, 1972.
- MAGNAMI, José Guilherme Cantor. “*Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole*.” In: _____ & TORRES, Lilian de Lucca. *Na metrópole: textos de Antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MAIA, Doralice Sátyro. “*A leitura da paisagem no ensino de geografia*.” *Revista Geografia e Ensino*, vol. 8, nº1, jan./dez./2002.
- _____. “*Os escritos etnográficos e a geografia: encontros e desencontros*.” In: *Geosp - revista da pós-graduação em Geografia*, nº2. São Paulo: Departamento de Geografia - USP, 1997.
- RELATÓRIO PROLICEN – Projeto *O ensino da cidade*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba/ PRG, 2001.
- RILKE, Rainer Maria. “*Da Paisagem*”. s/d; s/l. (mimeo). Extraído *Samtliche Werke, Fünfter Baand*, Frakfurt Am Main: Insel Verlag, 1965. Tradução de Luciana Martins e Ferdinand Reis.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- SILVA, Armando Corrêa da. “*As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico*.” In: SANTOS, Milton & SOUZA, Maria Adélia A. de. (Coords). *O espaço interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986.